



**Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)**

# **Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3**



**Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)**

# **Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A772	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : planejando e edificando espaços / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Arquitetura e Urbanismo. Planejando e Edificando Espaços; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-846-5 DOI 10.22533/at.ed.465191912  1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Projeto arquitetônico. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série.  CDD 711
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O foco da presente edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3” ressalta a multiplicidade de enfoques e abordagens relacionadas à arquitetura e ao espaço urbano, disseminando visões e saberes acerca desses conhecimentos.

Em tempos em que a divulgação científica é vital para a continuidade das importantes pesquisas aqui desenvolvidas, a Atena Editora reafirma seu compromisso em ampliar e democratizar o acesso ao conhecimento.

Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estas importantes pesquisas.

Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MUSEU SENSORIAL DO CERRADO SENSORIAL MUSEUM OF CERRADO	
Fabiane Krolow	
Karina Marcondes Colet	
Paulina Aparecida Damin Soldatelli	
Paula Roberta Ramos Libos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
TEATRO VARIEDADES EM RIO CLARO - SP: RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA ARQUITETÔNICA	
Ícaro Fassoli	
Marcelo Cachioni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>32</b>
AS POTENCIALIDADES PARA ALÉM DO AÇO: O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NAS CIDADES DO INTERIOR DE GOIÁS. UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE SÃO LUIZ DO NORTE/GO	
Richardson Thomas da Silva Moraes	
Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>48</b>
INFORMAR PARA PRESERVAR: A ARQUITETURA MODERNA NO BALNEÁRIO DE CABEÇUDAS	
Giselle Carvalho Leal	
Thayse Fagundes e Braga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>60</b>
ACESSIBILIDADE EM PATRIMÔNIO CULTURAL: ANÁLISE DO CENÁRIO DO CONJUNTO FRANCISCANO EM JOÃO PESSOA-PB, POR PORTADORES DE DEFICIÊNCIA OU MOBILIDADE REDUZIDA	
Deborah Padula Kishimoto	
Raissa Silva Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>72</b>
OS TOMBAMENTOS VIA LEIS MUNICIPAIS, VALIDADE E IMPLICAÇÕES: O CASO DA MANCHA FERROVIÁRIA DE SANTA MARIA- RS	
Cristiane Leticia Oppermann Thies	
Daniel Maurício Viana De Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919126</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>83</b>
O INVENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO E RESGATE DA MEMÓRIA: O CASO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO – CAMPUS SÃO PAULO	
Amanda Regina Celli Lhobrigat Melissa Ramos da Silva Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>96</b>
O POUSO DE TROPAS COLONIAL EM BENTO RODRIGUES: O CASO DOS TRABALHOS DE RESGATE ARQUEOLÓGICO PÓS DESASTRE	
Magno augusto coelho santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919128</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>108</b>
ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA DECORATIVA: A POLICROMIA DO RETÁBULO DO ALTAR-MOR DA IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCOS DA PENITÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS/SC	
Laís Soares Pereira Simon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>122</b>
ESTADO ARQUITECTÓNICO DE LA IGLESIA DEL CARMEN DE LA VILLA 25 DE MAYO, MENDOZA – ARGENTINA	
Guadalupe Cuitiño Alfredo Esteves Laura Najjar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>134</b>
CAPOEIRA: INSTRUMENTO ALTERNATIVO PARA FOMENTAR A AFROCIDADANIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL	
Luciene Gustavo Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>147</b>
A CIDADE DE BIRIGUI - SP E SEU PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO PAISAGÍSTICO: O MERCADO MUNICIPAL E SUA PRAÇA ADJACENTE	
Fabrícia Dias da Cunha de Moraes Fernandes Korina Aparecida Teixeira Ferreira da Costa Jayne Lopes Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>159</b>
A PAISAGEM CULTURAL DE AMARANTE, PI E A EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO	
Andréa Lourdes Monteiro Scabello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191213</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>172</b>
ANÁLISE DA PAISAGEM: O PATRIMÔNIO E A PAISAGEM CULTURAL EM VERANÓPOLIS/RS – BRASIL	
Paula Fogaça Alina Gonçalves Santiago Dirceu Piccinto Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>190</b>
HISTÓRIA, CULTURA E LAZER EM CONEXÃO: INFLUÊNCIA DA CRIAÇÃO DO PARQUE DA CIDADANIA NA CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM DA ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DA CIDADE DE TERESINA-PI	
Lara Jhélia de Sousa Sampaio Mariana Luiza Bezerra Sampaio Hanna Morganna de Deus Alves Augusto César Barros de Moura Neiva Myrlla Lorene de Macedo Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>202</b>
A ATIVIDADE COMERCIAL EM FEIRA DE SANTANA (BA): USOS DO ESPAÇO PÚBLICO	
Alessandra Oliveira Teles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>217</b>
MINHOÇÃO: ENTRE O TRANSGREDIR E O MEDIAR OS BENS COLETIVOS PRODUZIDOS A PARTIR DE INICIATIVAS DE MORADORES, MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES	
Maria Isabel Camañes Guillén	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>231</b>
DO PIONEIRISMO AO ESQUECIMENTO: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL	
Mônica Peixoto Vianna Carina Letícia Rodrigues Oliveira Falcão Hugo Fernando Calheiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>244</b>
EFEITOS DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO NA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE BARRA LONGA, MINAS GERAIS	
Teresa Cristina Guerra de Andrade Maria Luiza Almeida Cunha de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191219</b>	



<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>256</b>
A EXPANSÃO URBANA DE MARINGÁ COMANDADA PELA CTNP E SEUS FUNCIONÁRIOS DO ALTO ESCALÃO	
Layane Alves Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>264</b>
A OFERTA IMOBILIÁRIA DE SALVADOR PARA A ALTA RENDA: UTOPIAS, ISOTOPIAS E HETEROTOPIAS	
Sarah Nascimento dos Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>278</b>
URBANISMO BIOCLIMÁTICO: AMBIÊNCIA URBANA E PATRIMÔNIO DA PRAÇA TOCHETTO EM PASSO FUNDO, RS	
Evanisa Fátima Reginato Quevedo Melo Mirian Carasek	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>290</b>
MODIFICAÇÃO DA HABITAÇÃO: UMA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO NO CONJUNTO HABITACIONAL DE INTERESSE SOCIAL EWERTON MONTENEGRO GUIMARÃES EM VILA VELHA-ES	
Bruna Gonçalves Merisio Cynthia Marconsini Loureiro Santos Liziane de Oliveira Jorge	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>302</b>
REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: INFLUÊNCIA DO PAPEL DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA PRESTADA PELO ESCRITÓRIO DE ENGENHARIA PÚBLICA (EPTEC) PARA O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA	
Eufrosina de Azevêdo Cerqueira Diogenes Oliveira Senna Adriele Souza da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>316</b>
POSSIBILIDADES DA ASSISTÊNCIA SOCIAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA NO PROCESSO DE REGULARIZAÇÃO URBANA: O CASO DOS PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Reginaldo Magalhães de Almeida Iara Cassimiro de Oliveira Luiza Abreu Campos Almir Teixeira Esquárcio Julia Malard Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191225</b>	

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>328</b>
POLÍTICA NACIONAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS: UMA ANÁLISE DE SUA APLICAÇÃO NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI - BA	
Bruno Miola da Silva Poliana Bomfim Coutrin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>344</b>
AVALIAÇÃO DE SOLUÇÕES PARA MANUSEIO DE RESÍDUOS SÓLIDOS NAS HABITAÇÕES MULTIFAMILIARES DO RIO DE JANEIRO	
Alice Magalhães Garcia Souza Maria Cristina Moreira Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>357</b>
MECANISMO INTELIGENTE DE GERAÇÃO DE UMA EXPRESSÃO ARQUITETÔNICA COM O AMBIENTE AUTOMATIZADO	
Wanessa Glanzel Hoffmann Josana Fernandes da Rosa Marcos Rocha Galvão Fagundes de Souza Cleverson Porto da Silva Fernanda Barreto Rafael Bastos Duarte José Wanderson Oliveira Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>370</b>
O RIO GRANDE DO SUL E AS FONTES SUSTENTÁVEIS: ANÁLISE DA MATRIZ ENERGÉTICA DO ESTADO	
Denise de Souza Saad Danielle de Souza Saad Caryl Eduardo Jovanovich Lopes Clarissa de Oliveira Pereira Hugo Henzel Steinner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191229</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>380</b>
ESTUDO DE MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS EM PONTES E VIADUTOS DE CONCRETO ARMADO NA CIDADE DE CUIABÁ-MT	
Guilherme Antonio Rosa e Silva Nogueira Barbosa Camila Raia Santos Bastos Raquel Alves Fernandes da Silva Maria Fernanda Fávero Menna Barreto Ana Paula Maran	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191230</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>393</b>
INFLUÊNCIA DA ADIÇÃO DE AGREGADO RECICLADO EM CONCRETOS: UM ESTUDO SOBRE O CISALHAMENTO EM ELEMENTOS ESTRUTURAIS	
Max Silva Michelle Cordeiro	

<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>406</b>
REAPROVEITAMENTO DA CONCHA DE MARISCO COMO AGREGADOS EM ARGAMASSAS E CONCRETOS NÃO ESTRUTURAIS	
João Manoel de Freitas Mota Ronaldo Faustino da Silva Yuri Barros Lima Moraes Ângelo Just Costa e Silva André Miranda Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46519191232	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>417</b>
AZULEJARIA BRASILEIRA E DESIGN	
Flávia Marques de Azevedo Esperante	
DOI 10.22533/at.ed.46519191233	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>424</b>
CHAPECÓ/SC E PASSO FUNDO/RS: ESTUDO COMPARATIVO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	
Ana Laura Vianna Villela Gabriela Borges da Silva Emanuelli Schneiders Aléxander Augusto Ortmeier Maryon Brotto Isadora Zanella Zardo	
DOI 10.22533/at.ed.46519191234	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>441</b>
PLANEJAMENTO URBANO EM SÃO PAULO, FASE PIONEIRA DOS ANOS 1950-60	
Adilson Costa Macedo Altamir Clodoaldo Rodrigues da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.46519191235	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>447</b>
POR UMA AUTONOMIA CONCRETIZÁVEL: FUNDAMENTOS PARA A ARQUITETURA EM REGIÕES DE FRAGILIDADE SOCIOESPACIAL E AMBIENTAL	
Vera Santana Luz	
DOI 10.22533/at.ed.46519191236	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>472</b>
COMO O URBANISMO TEM SIDO OPERADO EM PROCESSOS DE CONCESSÃO: A APLICAÇÃO DOS PROJETOS DE INTERVENÇÃO URBANA	
Carolina Heldt D'Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.46519191237	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>493</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>494</b>

## DO PIONEIRISMO AO ESQUECIMENTO: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL

**Mônica Peixoto Vianna**

Centro Universitário Tiradentes  
Maceió - AL

**Carina Letícia Rodrigues Oliveira Falcão**

Centro Universitário Tiradentes  
Maceió - AL

**Hugo Fernando Calheiros**

Centro Universitário Tiradentes  
Maceió - AL

**RESUMO:** Esta pesquisa fez um levantamento e estudo do antigo núcleo residencial operário de Fernão Velho e daquela que ficou conhecida como “Fábrica Carmen”, verificando suas configurações espaciais, as tipologias de arquitetura e suas relações com diferentes conceitos de habitat e, finalmente, o processo de desmonte e a situação atual desses espaços. Abordou um período em que aconteceram as primeiras tentativas de industrialização do Estado, por meio da fundação de sua primeira fábrica têxtil e vila operária. Baseou-se em levantamentos bibliográficos, iconográficos e audiovisuais sobre o tema abordado, além de levantamentos e sistematização de informações obtidas por meio das pesquisas em arquivos locais e em portais virtuais de periódicos de instituições científicas, e de visitas ao antigo

núcleo operário de Fernão Velho, atualmente um bairro de Maceió, Alagoas. A pesquisa constatou o processo de esquecimento e abandono que o bairro vem sofrendo ao passo em que sua relevância econômica deixou de ser uma peça chave para administração da cidade e do Estado. Mostra assim, como este fato trouxe consequências sociais importantes como a falta de oportunidades de emprego para os antigos e também o risco de desaparecimento dessa população nos próximos anos, já que muitas famílias acabaram por mudar de endereço.

**PALAVRAS-CHAVE:** patrimônio industrial; núcleo residencial operário; Fernão Velho.

### FROM PIONEERING TO FORGETTING: THE URBAN TRANSFORMATIONS OF FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL

**ABSTRACT:** This research made a survey and study of the former workers housing of Fernão Velho and the one that became known as “Carmen Factory”, verifying their spatial configurations, the architecture typologies and their relations with different concepts of habitat and, finally, the process of dismount and the current situation of these spaces. It studied the period when the first attempts at industrialization of the state took place, through the founding of its first textile factory and its working village. It was

based on bibliographic, iconographic and audiovisual surveys on the theme, as well as surveys and systematization of information obtained through searches in local archives and virtual portals of journals of scientific institutions, and visits to the former village of Fernão Velho, currently a neighborhood from Maceió city, Alagoas. The survey found the process of neglect and abandonment that the neighborhood has been undergoing while its economic relevance is no longer a key piece for city and state administration. So, It shows how this fact brought about important social consequences such as the lack of job opportunities for the old and also the risk of the population disappearing in the coming years, as many families eventually moved from the neighborhood.

**KEYWORDS:** industrial heritage; workers housing; Fernão Velho.

## 1 | O ALGODÃO E A INDÚSTRIA TÊXTIL EM ALAGOAS

Na história de Alagoas, o açúcar assumiu o papel de protagonista nas páginas de estudos que narraram sobre as forças de produção econômica do estado. A sua perpetuação no imaginário do povo se deu pela forte presença e dominação em áreas importantes da sociedade, como no quadro político, que continuam trazendo nomes que representam o setor açucareiro.

O cultivo do algodão começou a ser implantado como uma nova tentativa de independência econômica. Assim, teve seu início por pequenos agricultores pobres, de descaroadores remediados e de grandes comerciantes. Apesar de seu início titubeante, o setor algodoeiro encontrou espaço dentro do limitado campo de atuação alagoano.

Diante da redução do mercado açucareiro, tem-se o declínio dos engenhos relacionado ao fato de que a tecnologia da época já não contava mais com inovações que acarretassem na aceleração e qualidade dos produtos, além do preço dos escravos que os senhores de engenhos já não podiam pagar e o desinteresse europeu devido à concorrência entre os mercados.

A presença do algodão vinculou-se, assim, à grande importância da cana e conseguiu proporcionar uma mensurada força arrecadadora, frente a sua produção de itens favoráveis ao desempenho potente e resistente da economia.

As treze fábricas de fiação e tecelagem implantadas entre os anos 1930 e 1960 foi o que deu origem ao pioneirismo da produção, tendo suas sedes em Maceió, Penedo, Pilar, Rio Largo, São Miguel dos Campos e Delmiro Gouveia.

Em Maceió encontra-se a importante Fábrica Companhia União Mercantil (Fernão Velho), fundada pelo Comendador José Antônio Mendonça. Como cita o texto de tema “Os pioneiros”, o bairro era naquela época o mais nobre de Maceió, contou com os primeiros bondes da capital, e, além de energia elétrica e água canalizada, o bairro era agraciado com as verdadeiras mansões que emolduravam o belo cenário paisagístico que margeava a lagoa Mundaú. Além das fábricas Alexandria, da família

Lôbo (Bom Parto), Santa Margarida (Jaraguá) e da Norte de Alagoas (Saúde), da família Nogueira (ESTADO..., 2018). Na segunda metade do século XIX, houve a instauração das outras fábricas de mesmo tipo.

Merece destaque nesse momento o processo de urbanização que ocorreu em Alagoas. O surgimento de um novo conceito de moradia se deu em razão das instalações destinadas à produção fabril no ramo têxtil. Sua composição final destinase por um extenso conjunto arquitetônico com diversas instalações destinadas à oferta de serviços diversos para as pessoas que ali passaram a residir e trabalhar (TAVARES, 2016).

O trabalhador que antes vivia do campo, percebeu sua vida remodelada não apenas pela mudança de moradia e estilo de vida, mas também pela nova experiência de vida urbana, industrial operária e de cidadania quando passaria a ter direitos trabalhistas ao trabalhar na fábrica.

Foram construídas pelo dono fabril casas, escolas, posto médico, loja e armazém, delegacia, além de área de lazer para seus trabalhadores. Diante dessas expectativas, criou-se um significado de novas experiências, abrindo conhecimento em outro universo social, do qual passa a fazer parte (TAVARES, 2016).

A partir da segunda metade do século XIX, esse novo estilo de vida manifestase em números bastante significativos e em diferentes regiões do país. Do ponto de vista de Correia (1997), as chamadas “vilas operárias” e os núcleos fabris passam a ser considerados como um “habitat proletário moderno”. Dessa maneira, é possível observar um novo conjunto de padrões baseado nas cidades e no capital mercantil-industrial. Essa época trouxe consigo diferentes estilos arquitetônicos e diversos modelos de habitação.

Nos próximos capítulos serão abordadas algumas demarcações temporais, indo e vindo às temporalidades que ultrapassaram os limites da história do bairro, penetrando diversos passados, presente e expectativas de futuro, seja pela contribuição e participação de diferentes memórias dos antigos operários, seja pela própria vivência no bairro advinda das visitas de campo.

## **2 | A CRIAÇÃO DA “COMPANHIA UNIÃO MERCANTIL” E DO NÚCLEO RESIDENCIAL OPERÁRIO DE FERNÃO VELHO**

O processo de inauguração da fábrica têxtil se deu em um tempo de turbulências econômicas para o Brasil e com uma mão de obra ainda focada no trabalho escravo. Este fato fez com que a “Companhia União Mercantil”, inaugurada em 1857, fosse uma indústria pioneira com relação a produção e elaboração de bens econômicos, na estrutura trabalhista e na organização social (MARINGONI, 2011).

A região em que foi implantada, localiza-se a noroeste da capital de Alagoas,

às margens da Lagoa Mundaú e sua urbanização se deu quando Dom Pedro II concedeu uma sesmaria a Fernão Dias Velho, sendo os seus primeiros habitantes compostos basicamente por pescadores e coletores de mariscos (TICIANELI, 2018). Quando José Antônio de Mendonça – Barão de Jaraguá – comprou as terras após a morte do fundador do distrito, foi dado ao distrito industrial o nome de seu primeiro dono, uma maneira encontrada para que ele pudesse ser homenageado (TICIANELI, 2018).

A área em que se encontra o atual bairro de Fernão Velho, foi essencial na estratégia de inserção da indústria têxtil em Alagoas. Longe dos bairros consolidados de Maceió, a vila operária pôde ser instituída para que os trabalhadores não precisassem se deslocar de outros bairros até os seus trabalhos na fábrica, havendo o controle patronal nos horários dos funcionários e nas atividades extras desenvolvidas nos momentos de folga.

Outro fato que evidencia a importância de Fernão Velho, foi a necessidade de construção de uma linha ferroviária para que toda a produção de tecidos pudesse ser escoada para a distribuição nacional e internacional. O percurso do trem é feito para a região litorânea da Lagoa Mundaú até os dias atuais, sendo o destino final do trem, no Jaraguá, um importante bairro histórico que já apresentou no seu passado uma relevante relação comercial de brasileiros e estrangeiros (TENÓRIO; LESSA, 2013).

O falecimento do seu primeiro proprietário, Barão de Jaraguá, ocorreu em Portugal, em seu País de origem, mas a venda da Companhia União Mercantil, em 1891 para uma outra família, só veio a se realizar há alguns anos após a sua morte. José Teixeira de Machado implementou novas instalações para o processo de fabricação devido ao aumento de produção dos tecidos e ampliou a vila operária para novos trabalhadores pudessem ser acomodados.

Quando Machado não esteve mais no comando, sua família ainda se encontrou responsável por liderar por mais algumas décadas e seus filhos não decepcionaram na maneira como lidaram com a fábrica. A expansão que vinha apresentando, foi herdado por Doutor Antônio de Melo Machado e Doutor Arthur de Melo Machado, que sucedeu o patriarca da família até o ano de 1938. Em sua dissertação de mestrado, Ivo dos Santos Farias (2012) pôde afirmar que foi durante esse ciclo que o número de teares, por exemplo, multiplicou-se de 80 para 1000, evidenciando o momento de excelência que experimentava a indústria no início do século XX.

Mas apesar disso, como qualquer empresa familiar que possuem vozes importantes nos mais altos cargos, as divergências sobre as decisões a serem tomadas entre os proprietários e com relação a administração na qual eles lideravam, não veio a se tornar algo raro de ser testemunhado. Isso, somado ao fato de que a indústria têxtil brasileira vivenciou uma crise que afetou diretamente Fernão Velho,

fazendo-se levar a sua venda em 1938 para a família Leão (FARIAS, 2012).

Esses novos donos realizaram a ampliação da fábrica com novos maquinários e ampliação com relação à assistência social que os operários recebiam de seus donos, como na oferta para a realização de eventos esportivos com uma quadra de jogos (FARIAS, 2012). Possibilitando algum tempo depois a criação de times de diversos esportes, como basquetebol ou voleibol, mas principalmente de futebol, formada pelos operários que viriam a participar de algumas competições.

Em 1943, a família Leão vendeu ao Grupo Othon, que uma das primeiras ações tomadas agora à frente da Companhia foi mudar o seu nome para Fábrica Carmen. O complexo fabril da nova família sofreu importantes mudanças na infraestrutura, “como drenagem e calçamento do povoado” ou a construção do Recreio Operário em 1948 (SILVA; PALMEIRA, 2010). Othon Lynch Bezerra de Mello e seu grupo, foi o mais longínquo a dirigir os trabalhos têxteis, vivenciando anos de grandes retornos econômicos, até a sua decadência, levando os esforços do grupo para outros setores, como para a rede hoteleira.

### **3 | A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL E A ARQUITETURA DA “FÁBRICA CARMEN” E DO NÚCLEO RESIDENCIAL OPERÁRIO DE FERNÃO VELHO**

A tipologia arquitetônica do período industrial, investida para a realização do processo de produção pela qual estaria comprometida a desempenhar, foi fundamental para o sucesso na eficiência do trabalho de fabricação e produção das grandes cidades ao redor do mundo (FARIAS, 2012).

O bairro em que a fábrica foi instalada é cercado por morros, mata atlântica e a lagoa Mundaú, sendo esta última, um importante facilitador no fornecimento de energia para o funcionamento das máquinas, já que os dois açudes represados impulsionavam o maquinário por meio de uma engenharia hidráulica.

O ponto inicial aconteceu ao redor do prédio fabril, tornando-o desde sua origem o elemento principal da industrialização. A maior casa e mais imponente de Fernão Velho é a que serviu de residência para os donos da Companhia, estando ela em frente ao prédio de produção.





Figura 1: Vila Goiabeira (azul) e Vila ABC (amarelo) e Fernão Velho (vermelho).

Fonte: Mapa elaborado pelos autores.

As novas construções acabaram gerando novos povoados decorrido desse processo, como por exemplo, a vila ABC, que foi construída em 1930 para suprir a necessidade dessa nova demanda de trabalhadores. E um tempo depois, a vila Goiabeira, que serviu para abrigar os antigos trabalhadores, que devido ao tempo de serviço para com a fábrica, foram se aposentando, levando consigo suas respectivas famílias (SILVA; PALMEIRA, 2010). No mapa abaixo, está exemplificado o zoneamento urbano gerado de acordo com essas novas vilas.

A fachada original das casas de operários era minuciosamente igual uma das outras, inclusive nas pinturas que lhes eram aplicadas. Sua frente contava com um portão baixo para ter acesso a porta de entrada, que junto a ela existia uma janela comum. Esse pequeno terraço anterior ao acesso era coberto por um telhado de telha cerâmica. Tal telhado era expandido para todas as casas da mesma rua, criando a moradia geminada, sempre térrea. O interior também era padronizado, sua planta baixa tinha um formato retangular, criando os espaços de uso comum e privado. Na frente existia a sala, mais a frente estendia-se um corredor de acesso aos quartos, na lateral. A cozinha localiza-se nos fundos, juntamente com um banheiro e área de serviço. Algumas casas ainda eram providas de quintal, onde muitas vezes ficavam os animais de criação da família (FARIAS, 2018).

Hoje, é possível observar algumas alterações do que antes era mantido. Muitas casas não contêm mais o portão baixo frontal anterior a entrada, ficando apenas a janela e a porta de acesso principal. Algumas adaptaram garagens dentro da área construída da residência. O telhado e a disposição urbana das casas continuam as mesmas, mudando apenas aparência das fachadas. Com a indústria em funcionamento, a manutenção das residências se dava uma vez por ano, com

consertos pontuais e pintura branca nas fachadas para que se mantivesse o aspecto de higiene da comunidade.

O cuidado atual com o exterior das casas está sob responsabilidade dos próprios usuários, que foram alterando de acordo com as necessidades e satisfações de cada família. Tirando, dessa forma, a harmonia visual que havia anteriormente, já que as modificações aconteceram a partir do momento que as particularidades e gostos pessoais se tornaram possíveis de serem postas em práticas, quando não havia mais nenhum patrão que determinasse como os lares dos trabalhadores deveriam ser. Tornando maior a sensação de pertencimento do local (FARIAS, 2012).

Já os chalés, habitados por antigos diretores e técnicos da fábrica, obtém uma tipologia diferente da vista anteriormente. A casa não é mais térrea, como as anteriores, contando agora com mais um andar, o que estabelece um novo formato de planta baixa e disposição dos cômodos. O que se assemelha com a casa dos operários é o muro baixo com o portão anterior a entrada principal, diferenciando apenas a presença do portão para garagem, existente até hoje. Na fachada principal pode-se perceber um número maior de janelas para a rua, o que na casa dos trabalhadores só existe uma.

Na atualidade, as casas que eram dos gerentes, mestres ou contramestres, possuem muros mais altos. Algumas possuem garagem e sua cobertura também foi acrescentada. Originalmente, elas já provinham de jardim antes do acesso principal de entrada à residência.

A residência destinada aos patrões da indústria têxtil de Fernão Velho é localizada estrategicamente em frente à fábrica. A sua imponência se destaca, junto ao prédio fabril, para quem chega ao bairro, por sua escala maior em comparação as construções ao seu redor. Seus inúmeros quartos e cômodos serviram por muitas décadas as famílias que comandaram a antiga “Companhia União Mercantil”, mas após o abandono da última família pelo setor e o encerramento dos trabalhos, o casarão passou a não ter mais a utilidade que um dia ela teve. Os moradores passaram a usufruir de todo o seu potencial arquitetônico para que o pavimento térreo fosse destinado ao comércio local. Com lojas que são administradas pelos residentes do bairro.

Para finalizar a comparação, tem-se a Fábrica em seus tempos de funcionamento, toda coberta e fechada, com uma entrada diferente da que se vê atualmente e mostra seu interior desprovido de máquinas, equipamentos têxteis, cobertura, totalmente aberta para o céu, sem função socioeconômica nenhuma.

## 4 | AS MUDANÇAS NA GESTÃO E O PROCESSO DE DESMONTE DA “FÁBRICA CARMEN” E DO NÚCLEO RESIDENCIAL DE FERNÃO VELHO

Ao longo de toda a trajetória da Indústria Têxtil realizada em Fernão Velho, muitos foram os modelos de administração aplicados na Fábrica que por último viria a ser reconhecida como “Carmen”. Atravessando o século passado, com proprietários que viriam a substituir um ao outro de tempos em tempos, as consequências se mostraram decisivas para o fim de suas atividades.

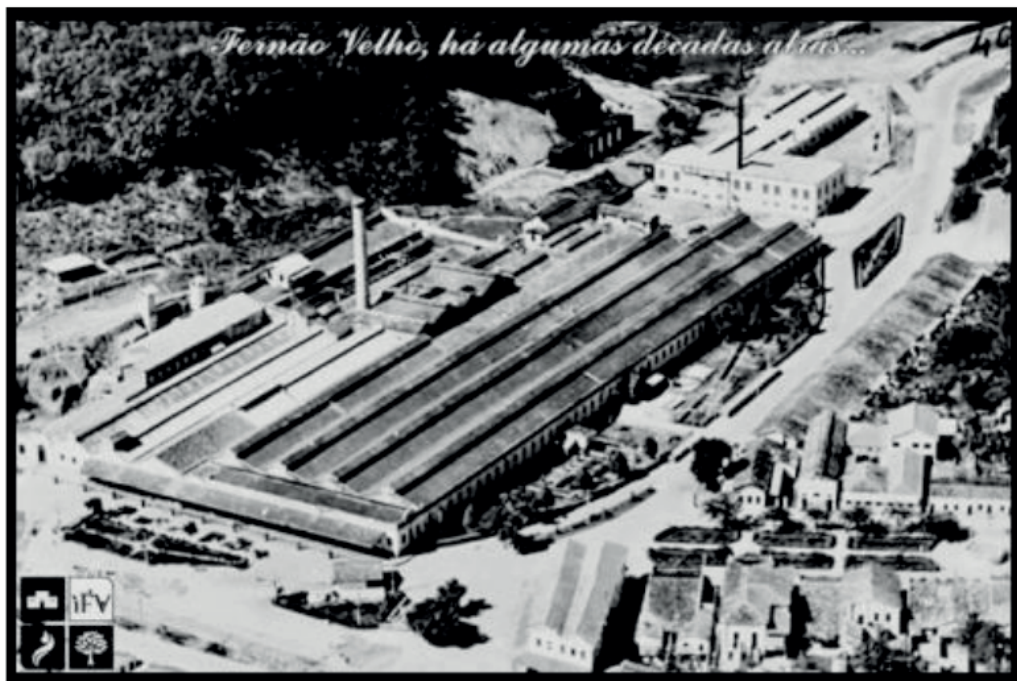


Figura 2: Vista aérea da Fábrica Carmen e edificações vizinhas.

Fonte: TAVARES, 2016, p. 90.

A pesquisa mostrou que as trocas de patrões nem sempre aconteceram para o bem da companhia, tendo ocasiões em que as conjunturas encontradas não pareciam favoráveis para as atitudes de gerência na qual a fábrica esteve sujeita. Para o infortúnio de sua memória, já que as crises pela qual passou a fábrica, afetaram não somente a economia têxtil do Estado, mas também a vida dos seus trabalhadores.

Os proprietários que antecederam os Othon já eram donos de um outro setor produtivo no estado, a Usina Utinga, como citado no primeiro capítulo. E constituíam, dessa maneira, uma das mais importantes e influentes famílias de Alagoas. Foi durante os anos que estiveram à frente da Companhia, que a fábrica se encontrou em um de seus melhores momentos.

Mas a herança herdada pelos seus feitos ultrapassou os limites da fábrica ou da usina. Como, por exemplo, o antigo Palacete Francisco Leão, que um dia serviu de residência para o repouso da família Leão, sendo logo em seguida utilizado como um hospital psiquiátrico por muitos anos até o seu fechamento, no início do ano de

2018 (TICIANELI, 2018). No entanto, o Grupo Othon assumiu as responsabilidades da fábrica, tornando-se o mais longo proprietário no comando. Foi a partir de 1943, já com seu novo dono, que a Companhia União Mercantil teve seu nome alterado para Fábrica Carmen de Fiação e Tecelagem S/A, sendo reconhecida até a atualidade de acordo com o nome que lhe foi designado (FARIAS, 2015, p.02).



Figura 3: Prédio da fábrica Carmen após desocupação em 2017.

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Próximo de completar 160 anos de existência na produção de seus trabalhos, na última década seus donos começaram a perder o interesse devido o mercado nacional e internacional, que se tornou competitivo. Uma das maiores influências foi o ocorrido com a invasão dos chineses na produção de tecidos, que já produziam um tecido por um preço mais barato e numa maior escala de produção (FARIAS, 2018). O que acabou gerando impotência para competir com esse tipo de mercado, algo que inclusive continua até o presente momento, afetando e tomando o espaço do mercado de vendas nacionais. Com a falta de capacidade em investir em novos maquinários fez com que o polo produtivo de Fernão Velho se tornasse ultrapassado.

No ano de 2010 a Fábrica Carmen fecha suas portas, não por motivos de crise de mercado, mas de descaso pela manutenção para com toda a atividade da indústria têxtil. Passando de geração em geração, os últimos herdeiros perderam

o interesse pela execução da manufatura, tanto é que o último descendente dos Othon, o senhor Roberto Bezerra Brito Neto, dominava mais a área de destilaria, o que é uma dominação totalmente diferente da indústria têxtil.

Também em 2017, o prédio se encontrou ocupado pelo movimento Vias do Trabalho, que tem como foco ações no interior do estado de Pernambuco e Alagoas. O discurso era de defesa dos direitos trabalhistas e de chamar atenção para os problemas que ali ocorrem, mas a verdade era que o movimento não estava em sintonia com os interesses da população. O resultado da ação foi a desocupação por meio da polícia meses depois e o fechamento físico de todas as entradas que possui o local, impedindo, dessa forma, qualquer possibilidade de intervenção das pessoas nas estruturas que estão cada vez mais arruinadas pelo tempo (G1 ALAGOAS, 2017).

## 5 | A SITUAÇÃO ATUAL DO BAIRRO DE FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL

Atualmente, a população está vivendo de uma aposentadoria magra, oriunda da fábrica de fiação e tecelagem. O comércio local é pouquíssimo, abrangendo cerca de 3 a 4% de mão de obra. Também é perceptível a diminuição da população, que em seu auge atingiu os 10 mil habitantes somente de trabalhadores da fábrica, sendo que hoje, de acordo com dados do Censo 2010, está em menos de 6 mil moradores no bairro (IBGE, 2018). Infelizmente este fato acarretou o alto índice de imigração, deslocando-se para a parte alta do bairro do Tabuleiro e o centro da cidade.

Muitas tecelãs estão trabalhando como domésticas, auxiliando famílias na limpeza da casa ou tomando conta de idosos. Os homens trabalham como pedreiros, mecânicos ou criam seu próprio sustento consertando eletrodomésticos ou vendendo algum produto, fazendo suas casas de pequenas lojas. Surge, nesse momento, uma espécie de adaptação por parte dos moradores, pois tiveram de mudar o pensamento que tinham de acomodação por sempre existir o salário garantido, para ir atrás de novos meios de adquirir seu sustento.

De qualquer maneira, os que ainda estão lá, exaltam as qualidades do lugar como sendo calmo e de família. Esse processo moroso de readaptação fica advindo de uma parcela da população que não vê mais esperanças de um novo começo.

Para o entrevistado Fábio Assis de Farias, o bairro só irá voltar a ser o que era antes, se retornasse a mesma produção têxtil, pois é o que os moradores têm a oferecer de sua mão de obra. Fora isso, a região poderá se tornar nada menos que um bairro dormitório.



Figura 4: Imagem de uma residência operária, atualmente utilizado como comércio informal para sustento da família.

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

O prédio do Recreio operário ainda se encontra com sua estrutura reconhecida dos tempos passados e a memória da população ainda se mantém bastante viva com relação ao modo de funcionamento. Atualmente, o Recreio não tem as mesmas finalidades, mas estagna seu peso simbólico, recebendo algumas festividades da cultura do bairro como quadrilhas de São João e festas carnavalescas.

A igreja de São José, fundada em 1847 pelo Arcebispo metropolitano Dom Ranulfo, ainda é um símbolo de religiosidade para a população. Até então, há celebrações de missas todos os dias. Sua estrutura segue bem conservada e reformada, trazendo consigo sua arquitetura colonial bastante característica da época.

O sentimento de abandono e degradação que o edifício vem sofrendo era notório no início de 2017. Escuro e sem indicação de melhorias futuras, o salão interno estava servindo como depósito de máquinas velhas e destruídas, assim como o pátio, agora descoberto, entulhado de madeiras podres, ferros com ferrugem, poças d'água, pisos em falso e paredes em ruínas que contribuíam para o aspecto caótico e devastado.

O movimento Vias do Trabalho, mesmo ocupando o espaço, não se preocupou em transformar ou melhorar o aspecto físico do edifício, pelo menos não em um curto prazo. Após a desocupação, o governo vedou de vez a fábrica, cobrindo seu

acesso principal com tijolo e cimento.

Em janeiro de 2018, em nova visita ao local, constatou-se que o bairro continua calmo e tranquilo. Hoje, pode-se dizer que Fernão Velho parou no tempo, pois não há incentivos contínuos de crescimento nem de esperança por parte dos residentes. Hoje, o que transparece é apenas morosidade, sem muitos barulhos de indivíduos ativos, que antes alimentavam sorrisos de gente feliz e esperançosa por um futuro idealizado.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. CBTU – Companhia Brasileira de Trens Urbanos. **Notícias Maceió**. 2018. Disponível em: <https://www.cbtu.gov.br/index.php/pt/maceio>. Acesso em: 16 ago. 2018.

CIPRIANO, Waldir. **Fernão Velho: tradição e história**. O Jornal, Maceió, 17 jan. 1999. Caderno de Cultura, p.5.

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. O projeto urbano de Delmiro Gouveia. 1995. Tese (Doutorado) – FAU/USP, São Paulo, 1995.

CORREIA, Telma de Barros. Moradia e trabalho: o desmonte da cidade empresarial. In: Encontro Nacional da ANPUR, 7., Recife, 1997. **Anais [...]** Recife: ANPUR, 1997.

ESTADO DE ALAGOAS, 2018. **Os pioneiros**. Disponível em: <<http://www.estado-de-alagoas.com/historia-de-alagoas-os-pioneiros.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

FARIAS, Fábio. **Entrevista**. Concedida à Carina Leticia Rodrigues Oliveira Falcão e Hugo Fernando Calheiros Ângelo, no dia 26 de janeiro de 2018.

FARIAS, Ivo dos Santos. **Dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho/AL (1953-1962)**. 2012. 115f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

FARIAS, I.S.; TAVARES, M.G. Entre o moderno e o arcaico: capitalismo e dominação na indústria têxtil de Fernão Velho – Maceió-AL. In: Seminário internacional de pós-graduação em ciências sociais, 1., 2015, Marília. **Anais [...]** Marília: UNESP, 2015.

FARIAS, Michelle. **Ex-funcionários da antiga Fábrica Carmen ainda vivem de ‘bicos’ por causa de pendências trabalhistas**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/ex-funcionarios-da-antiga-fabrica-carmen-ainda-vivem-de-bicos-por-causa-de-pendencias-trabalhistas.ghtml>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

G1 ALAGOAS. **Polícia cumpre reintegração de posse na antiga Fábrica Carmen, em Maceió**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/policia-cumprereintegracao-de-posse-na-antiga-fabrica-carmen-em-maceio.ghtml>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

IBGE. **Senso 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 fev. 2018.

LESSA, Golbey. **Ensaio** – para uma história da indústria têxtil alagoana. A voz do povo: espaço de reflexão e debate sobre a formação social alagoana. Disponível em: <[http:// http://pcbalagoas.blogspot.com.br/2011/10/para-uma-historia-da-industria-textil.html](http://http://pcbalagoas.blogspot.com.br/2011/10/para-uma-historia-da-industria-textil.html)>. Acesso em: 5 jan. 2017.

MACIEL, Oswaldo Batista Acioly. **Trabalhadores, identidade de classe e socialismo**: os gráficos de

Maceió, 1895-1905. Maceió: Edufal, 2009.

MARINGONI, Gilberto. **História – império de crises**. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2572:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2572:catid=28&Itemid=23)>. Acesso em: 17 fev. 2018.

MOURA, Golbery Luiz Lessa. **Ensaio – para uma história da indústria têxtil alagoana. A voz do povo: espaço de reflexão e debate sobre a formação social alagoana**. Disponível em: <<http://pcbalagoas.blogspot.com.br/2011/10/para-uma-historia-da-industria-textil.html>>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

OLIVEIRA, Bleine. **Leilão da Fábrica Carmen deve ser anulado pelo TRT**. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=315064>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

SILVA, J.D. do N.; PALMEIRA, Maria Verônica L. Heranças e transformações de um bairro industrial: o caso de Fernão Velho, Maceió-AL. In: Seminário de Patrimônio Agroindustrial - Lugares de Memória, 2, 2010, São Carlos. **Anais [...]**, São Carlos: USP, 2010, p.1-16.

TAVARES, Marcelo Góes. **Do tecer da memória ao tecido da história: operários, trabalho e política na indústria têxtil em Fernão Velho (Maceió, AL, 1943-1961)**. 2016. Tese (Doutorado) – Programa de pós-graduação em História/UFPE, Maceió, 2016.

TENÓRIO, Douglas Apratto; LESSA, Golbery Lessa. **O ciclo do algodão e as vilas operárias**. Maceió: Sebrae, 2013.

TICIANELI, Edberto. **Fernão Velho dos Pescadores e da Fábrica de Tecidos**. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/fernao-velho-dos-pescadores-e-da-fabrica-de-tecidos.html>>. Acesso: 24 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **José Antônio de Mendonça, o Barão de Jaraguá**. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/barao-de-jaragua-jose-antonio-de-alarcao-ayala-mendonca.html>>. Acesso: 24 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **O Natal de Félix Lima Júnior em Bebedouro**. Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/o-natal-de-felix-lima-junior-em-bebedouro.html>>. Acesso: 24 fev. 2018.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 60, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 93, 194, 197, 204, 314, 388, 453

Apropriações 217, 219, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 424

Argamassa 103, 393, 395, 396, 407, 409, 410, 411, 412, 415, 465

Arqueologia Pós Desastre 96, 99

Arquitetura moderna 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 368, 417, 420, 422, 457

Arquitetura sensorial 1

Automação 357, 363, 364, 368, 369

Avaliação pós-ocupação 290, 292, 293, 301

### B

Bacia de evapotranspiração 357, 365

### C

Capoeira 37, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146

Concreto 20, 56, 57, 102, 104, 166, 224, 365, 366, 380, 381, 382, 384, 386, 388, 389, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 400, 402, 404, 405, 406, 407, 410, 413, 415, 416, 457, 459, 461, 465, 466

Construção sustentável 357, 359

Cultura 2, 4, 5, 6, 8, 11, 13, 15, 16, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 46, 47, 48, 52, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 88, 95, 99, 106, 123, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 152, 162, 163, 164, 165, 168, 170, 173, 174, 175, 185, 186, 188, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 216, 219, 223, 229, 230, 241, 242, 254, 286, 381, 422, 437, 448, 452, 457, 460, 468

### D

Desastre ambiental 244

Documentação 12, 32, 42, 54, 58, 72, 80, 83, 90, 93, 94, 106, 117, 118, 325, 356, 383, 462

### E

Educação patrimonial 92, 93, 151, 159, 192, 199, 200

Engenharia pública 302, 303, 304, 311, 314

Espaço de preservação 1

Espaço público 147, 155, 156, 157, 195, 197, 198, 202, 208, 210, 213, 214, 215, 217, 219, 225, 227, 229, 230, 276, 283, 287, 288, 289

Expansão urbana 256, 257, 259, 260, 261, 263, 276, 302, 304, 305, 307, 309, 310, 311, 312, 314

### F

Fontes renováveis 370, 371, 373

### H

Habitação 64, 194, 233, 264, 270, 290, 291, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 304, 314, 316, 319, 321, 327, 344, 440, 442, 448, 451, 457, 466, 468

Habitação de interesse social 270, 301, 319, 327

Habitação evolutiva 290

## I

Impacto socioambiental 244

Inventário 59, 63, 79, 80, 83, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 147, 178, 179, 180, 181, 182, 323, 445

## M

Manutenção 42, 51, 149, 151, 154, 183, 204, 206, 209, 213, 215, 236, 239, 247, 280, 285, 298, 329, 341, 347, 349, 350, 351, 352, 380, 381, 382, 386, 388, 390, 391, 429, 452, 455, 459, 484, 490

Matriz energética 370, 371, 372, 373, 374, 375, 377, 378, 379

Meio ambiente 1, 3, 6, 7, 8, 11, 12, 47, 159, 161, 165, 170, 196, 244, 245, 248, 254, 255, 328, 329, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 340, 341, 342, 343, 345, 356, 366, 370, 372, 375, 394, 395, 404, 407, 447, 448, 462, 467, 468

Memória 14, 15, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 42, 46, 47, 54, 58, 70, 72, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 106, 109, 141, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 165, 172, 174, 178, 183, 216, 229, 238, 241, 243, 246, 282, 288, 423

Memória coletiva 34, 38, 42, 46, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 158, 165, 174, 183

Mineração 35, 46, 96, 97, 105, 107, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255

Museu 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 30, 43, 65, 81, 82, 106, 154, 169, 170, 185, 186, 192, 193, 196, 197, 200, 409, 480, 490

## P

Paisagem 2, 32, 34, 35, 38, 40, 46, 47, 81, 87, 98, 107, 120, 159, 161, 162, 163, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 190, 196, 197, 198, 199, 201, 220, 222, 244, 245, 246, 247, 250, 252, 255, 279, 280, 284, 285, 288, 289, 424, 437, 453

Parque 1, 5, 8, 9, 10, 11, 17, 43, 44, 45, 122, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 221, 224, 251, 254, 308, 311, 372, 436, 480, 484, 490

Patologias 101, 313, 380

Patrimônio 4, 5, 14, 32, 35, 42, 45, 48, 50, 54, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 94, 95, 96, 100, 105, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 120, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 147, 148, 149, 152, 155, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 184, 187, 188, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 231, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 260, 278, 279, 280, 282, 285, 288, 289, 310, 370, 381, 422, 446, 449, 453, 491

Patrimônio cultural 60, 61, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 90, 95, 96, 100, 105, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 152, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 187, 190, 200, 244, 245, 253, 255, 370, 491

Patrimônio histórico 5, 14, 54, 63, 64, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 89, 95, 107, 114, 136, 141, 148, 152, 163, 180, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 255, 278, 280

Patrimônio industrial 32, 35, 42, 45, 231

Pintura 10, 19, 85, 108, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 130, 138, 154, 228, 237

Planejamento urbano 120, 275, 278, 289, 321, 439, 440, 441, 443, 444, 470, 472, 487, 488, 491  
Policromia 108, 109, 110, 111, 120  
Pontes 380, 381, 382, 391, 392  
Preservação 1, 2, 3, 8, 12, 32, 42, 46, 48, 50, 51, 59, 63, 64, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 99, 106, 109, 110, 120, 136, 142, 147, 148, 149, 151, 152, 157, 158, 163, 164, 165, 168, 172, 174, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 249, 280, 286, 289, 310, 319, 332, 427, 453, 463, 477, 491

## R

Reconstituição 14, 24, 391  
Regularização fundiária 302, 304, 308, 309, 310, 311, 314, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 324, 326, 327  
Resíduos 299, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 355, 356, 393, 394, 395, 396, 404, 405, 406, 407, 408, 414, 415, 452, 453, 465, 467  
Resíduos sólidos urbanos 331, 333, 334, 335, 338, 339, 341, 344, 394

## S

Serviço social 134, 135, 136, 144  
Sustentabilidade 6, 89, 170, 194, 200, 246, 255, 284, 291, 344, 346, 354, 358, 361, 366, 367, 369, 446, 447, 448, 452, 459, 468

## T

Teatros 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 30, 31, 81, 225  
Território 41, 74, 82, 159, 162, 163, 170, 172, 173, 174, 176, 177, 187, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 227, 248, 254, 318, 329, 422, 423, 424, 425, 427, 428, 429, 430, 433, 434, 436, 438, 448, 453, 463, 466, 471, 472, 474, 475, 476, 477, 479, 480, 482, 484, 490

## V

Valorização 4, 42, 48, 49, 87, 93, 95, 113, 145, 148, 156, 164, 175, 187, 190, 191, 195, 197, 199, 283, 308, 458

